

# NA ESTEIRA DA VITÓRIA RUSSA EM MARIUPOL

Por M.K. Bhadrakumar\*



*Membros do Regimento Azov em Kharkiv, Ucrânia. A unidade foi formada em 2014 por voluntários, muitos dos quais com tendências de extrema-direita, para combater os separatistas no leste do país (Sergey Bobok/AFP/Getty Images).*

*Os europeus já não mostram a mesma determinação ao falar sobre a guerra, que para eles se tornou um grande disruptor da vida bem cuidada e previsível em seu continente.*

**G**raças a Deus, a Rússia evita qualquer triunfalismo sobre a rendição do chamado regimento neonazista Azov no complexo fabril Azovstal em Mariupol. O Ministério da Defesa em Moscou anunciou na sexta-feira (20 de maio) que um total de 2.439 “nazistas Azov” e militares ucranianos depuseram as armas desde 16 de maio, e que todo o complexo Azovstal está agora sob controle das forças russas.

A Rússia mantém sua versão de que, em 21 de abril, o presidente Putin emitiu uma ordem cancelando o ataque inicialmente planejado à fábrica da Azovstal, por considerá-lo inútil e ordenou que a zona industrial ao redor da fábrica fosse hermeticamente fechada para que “nem mesmo uma mosca conseguisse passar.”

Kiev, em vez disso, reivindica o “fim das operações de combate”. O presidente Volodymyr Zelensky chamou de “missão de evacuação ... supervisionada por nossos militares e oficiais de inteligência” com o envolvimento dos “mediadores internacionais mais influentes”.

A névoa da guerra se adensou. A Duma russa já havia considerado proibir expressamente qualquer troca de prisioneiros, mas desde então desistiu. As

delegações russa e ucraniana devem se reunir na Bielorrússia na segunda-feira (23 de maio).

Moscou também está mantendo silêncio sobre a identidade de qualquer militar estrangeiro que se rendeu em Mariupol. Na semana passada, o secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, e o presidente do Estado-Maior Conjunto, general Mark Milley, ligaram para seus colegas russos Sergei Shoigu e o general Valery Gerasimov, respectivamente, pela primeira vez desde o início da guerra em fevereiro.

A retomada das negociações na Bielorrússia após dois meses sugere que Kiev tem um *briefing* de negociação que carrega o *imprimatur* de Washington e Londres. Estes são grandes “se”. Os objetivos por trás da operação russa ainda não foram totalmente realizados. Putin tem a palavra final, mas prefere se concentrar mais em conduzir a economia russa através das sanções ocidentais.

A situação nas linhas de frente ucranianas em Donbass continua muito complexa. Há intensos combates de rua em rua, de vila em vila, enquanto as tropas russas continuam avançando nas principais linhas de frente. A Rússia não está comprometendo grandes forças, já que a operação é altamente tática destinada a limpar a região da “sujeira nazista” (palavras emprestadas de Putin) se Mariupol for um exemplo.

As forças russas obtiveram um ganho significativo na captura de Izyum com a intenção de avançar mais a sudoeste em direção à cidade de Barvenkovo, que é o principal reduto das forças ucranianas na região de Donbass. Eles estão nos arredores da cidade de Severodonetsk e os confrontos continuam ao longo da estrada que leva a Lysychansk, que tem mais de 10.000 soldados ucranianos.

Mais uma vez, depois de assumir o controle de Popasnaya, os russos estão cercando as forças ucranianas em vários assentamentos e rompendo suas linhas de defesa em três direções. Os mercenários dos EUA, muitos dos quais provavelmente são agentes de inteligência, continuam lutando nas fileiras das forças ucranianas e vários deles foram mortos. Os documentos de Joseph Ward Clark, de 35 anos, revelaram que ele pertencia a uma unidade de forças especiais. A Rússia está atacando alvos ucranianos-chave e estrategicamente importantes, como armazéns, ferrovias e pontes.

Em termos militares, Kiev e seus conselheiros ocidentais esperavam deter forças russas substanciais em Mariupol, mas foram derrotados. O comandante do exército Azov, Svyatoslav “Kalyna” Palamar, foi retirado da usina de aço Azovstal ontem em um veículo blindado russo especial. Tudo isso vai desmoralizar os militares ucranianos.

Portanto, o anúncio dos EUA, de US\$ 40 bilhões adicionais para a Ucrânia, pode ser visto como um reforço moral. A ajuda militar americana combinada para a Ucrânia agora é de US\$ 54 bilhões, o que representa cerca de 81% do orçamento de defesa da Rússia em 2021. Mas, como diriam os americanos, não existe almoço grátis. A Lei de Empréstimo e Arrendamento de Defesa da Democracia da Ucrânia de 2022, assinada por Biden em maio, segue o padrão da legislação usada durante

a Segunda Guerra Mundial para fornecer armas a países aliados, estipulando que esses pacotes de ajuda são na verdade dívidas que precisam ser pagas pela Ucrânia em algum momento.

Washington pode reivindicar indenização se a Ucrânia não resgatar a dívida, como com o fornecimento de produtos agrícolas baratos pela Ucrânia, acordos comerciais preferenciais para empresas americanas e assim por diante.

O governo Biden provavelmente espera garantir que os grupos de interesse nos mais altos escalões da liderança em Kiev continuem com o esforço de guerra. A Ucrânia é um país notoriamente corrupto e pode-se esperar um lucro de guerra em grande escala. Grande parte da ajuda será roubada por funcionários corruptos.

No futuro, a diplomacia dos EUA enfrenta uma situação difícil. A UE praticamente engavetou a proibição do petróleo russo e parou de falar em acabar com o fornecimento de gás russo. A dinâmica política na Europa está mudando. Depois de aprovar cinco pacotes de sanções anteriores contra a Rússia com notável rapidez e unanimidade, os líderes europeus chegaram ao ponto em que as penalidades contra a Rússia acarretam custos crescentes e maior risco de danos às suas próprias economias, e isso está testando sua unidade.

França, Alemanha e Itália, entre muitos outros países da UE, chegaram a um acordo com o novo regime russo de pagamento pelo fornecimento de gás que efetivamente contorna as sanções da UE. Potencialmente, o atual atraso nas sanções petrolíferas da UE provavelmente terá um efeito dominó.

Durante as últimas semanas, houve uma enxurrada de conversas de cessar-fogo (e negociações com Moscou) pelo presidente francês Emmanuel Macron, o chanceler alemão Olaf Scholz e o primeiro-ministro italiano Mario Draghi. Suas observações parecem contraditórias com o que os britânicos e os americanos estão dizendo. Simplificando, as três capitais mais poderosas do continente europeu começaram a cantar a partir de uma partitura diferente, querendo que a guerra termine rapidamente e que tudo “volte ao normal” o mais rápido possível. A questão é que estão surgindo divergências sobre os objetivos de guerra dos aliados.

No entanto, é improvável que a Rússia concorde com termos de paz que fiquem aquém de suas demandas – uma Ucrânia neutra e a aceitação de Kiev do *status* da região de Donbass e da Crimeia. Mas então, o chefe da Crimeia, Sergey Aksyonov, disse em 18 de maio que as regiões de Kherson e Zaporizhya deveriam ser fundidas com a Crimeia. Anteriormente, o chefe da região de Kherson também exigiu que a região se integrasse à Rússia. Esses são lembretes gentis de que, se a guerra continuar, Zelensky arriscará termos de acordo mais duros.

Em última análise, a tragicomédia do evento Azovstal ressalta que não há vencedores e perdedores nesta guerra. Os EUA querem vencê-la, enquanto a Rússia não está lutando uma guerra, mas buscando uma operação bem-sucedida para atender a certos objetivos específicos de segurança nacional. Os povos ucraniano e russo têm laços fraternos. A Ucrânia é vizinha da Rússia, enquanto está a 10.000 km da América. Essa desconexão ameaça prolongar a guerra.

Os europeus não têm mais determinação ao falar sobre a guerra, que para eles está se tornando um grande disruptor da vida bem cuidada e previsível em seu continente, que foi o que eles menos esperavam quando Washington os empurrou para a guerra.

Acima de tudo, esta é uma operação de necessidade para a Rússia, não de escolha. Paradoxalmente, a escolha cabia inteiramente aos EUA e à OTAN para entender que não há nada como a segurança absoluta. Não foi o ex-secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, que uma vez disse: “Segurança absoluta para um estado significa insegurança absoluta para todos os outros”?

*Publicado no [Indian Punchline](#).*

---

**\*M.K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.

---